

A CRONOLOGIA DO VOCEAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPANSÃO DE VOCÊ-SUJEITO E RETENÇÃO DO CLÍTICO-TE

THE CHRONOLOGY OF VOCEAMENTO IN BRAZILIAN PORTUGUESE:
THE RISE OF VOCÊ AND THE RETENTION OF CLITIC TE

CÉLIA REGINA DOS SANTOS LOPES¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro
CNPq, FAPERJ, Brasil
celiar.s.lopes@gmail.com

SILVIA REGINA DE OLIVEIRA CAVALCANTE
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
silviare@gmail.com

Este trabalho traz uma análise sobre as consequências da inserção de *você* no quadro do português brasileiro a partir da correlação entre o avanço dessa nova forma na posição de sujeito e a retenção do clítico *te* como complemento acusativo e dativo. A amostra analisada constitui-se de cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Os resultados encontrados mostram as consequências da implementação da forma *você* como forma de tratamento: à medida em que a forma *você* vai ganhando terreno, formas alternantes de acusativo e dativo aparecem, além do clítico *te*. No período em que houve maior índice de mistura de tratamento *tu/você*, aumentam os índices do dativo nulo, e depois, quando o sistema se estabelece com a forma *você* na posição de sujeito, o *te* retoma a sua supremacia tanto como acusativo quanto como dativo.

Palavras-chave: formas de tratamento, variação *tu/você*, acusativo, dativo, dativo

Recibido
30/01/11
Aceptado
02/03/11

This paper brings an analysis of the consequences in the rearrangement of the pronominal system of Brazilian Portuguese after the rise of *você* as a form of address in the subject position

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida com a colaboração dos bolsistas de IC/CNPq da UFRJ no trabalho de levantamento, codificação e análise dos dados: Thiago Laurentino de Oliveira, Camila Duarte de Souza, Marcos Daud Camargo. Também participaram, na fase inicial de análise, as atuais mestrandas: Rachel de Oliveira Pedreira, Paula Fernandes da Silva, Janaina Pedreira Fernandes de Souza, Erica Nascimento Silva.

by correlating the patterns of the variation between *tu* and *você* with the variant forms in complement position (accusative, dative and oblique). The analysis is based on a sample of private letters written in Rio de Janeiro between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The results show that during the period of mixture between *tu/você*, the null 2nd person dative rises and then when *você* is the most frequent form, the clitic *te* is the most frequent again. As for the accusative, the most frequent form is the second person clitic *te* along the time.

Key-words: forms of address, *tu/você* variation, accusative, dative, oblique

1. INTRODUÇÃO

Objetivo deste trabalho é discutir os desdobramentos ocasionados pela inserção de *você* no português brasileiro (doravante, PB), propondo uma correlação entre o avanço da nova forma gramaticalizada na posição de sujeito e a retenção do clítico *te* como complemento acusativo e dativo. Utilizamos como análise uma amostra oriunda do Corpus Compartilhado Diacrônico, constituído de cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro em fins do século XIX e na primeira metade do século XX que fazem parte do Projeto “Retratos da mudança no sistema pronominal: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas cariocas (séculos XVIII-XX), disponíveis em <<http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico>>. Os dados são analisados com base nos princípios básicos da sociolinguística laboviana (Labov 1994) e em alguns postulados teóricos funcionais que discutem o fenômeno da gramaticalização (Hopper 1991).

O intuito é verificar se havia, na documentação remanescente do período, vestígios das diferenças atuais no sistema pronominal do PB. Trabalhos anteriores evidenciaram que o uso de *tu* era mais frequente que *você* principalmente nas relações simétricas de maior intimidade. Análises com peças teatrais (cf. Duarte 1995, Machado 2006, etc.) demonstraram a expansão do emprego do pronome *você* nos anos 30 do século XX. Os resultados parciais obtidos a partir de documentação produzida no Rio de Janeiro indicaram que os ambientes morfossintáticos que favoreciam o uso de *você*, generalizados hoje no PB, já apareciam delineados nos séculos XIX-XX. *Você* se instaurou no quadro de pronomes, principalmente, como sujeito preenchido e complemento preposicionado oblíquo (Duarte 2003 in Mateus *et al* 2003). As formas relacionadas a *tu*, contudo, não se perderam. O

paradigma pronominal parece ter mantido o *te* complemento (acusativo “eu *te* amo” e dativo “eu *te* pedi algo”) ao lado de formas alternantes relacionadas a *você* (*lhe* e *a você*) que eram pouquíssimo frequentes no século XIX. Isso ocorreu e continua ocorrendo tanto nos subsistemas tratamentais em que o *Tu* prevalece quanto naqueles em que predomina o emprego de *Você* como sujeito.

Propomo-nos, neste artigo, discutir a possível relação entre esses fenômenos mapeando cronologicamente as causas da entrada irregular de *você* no quadro de pronomes, buscando responder às seguintes questões: O clítico *te* era produtivo, tanto no sistema de tratamento no qual predominava *tu* quanto no que prevalecia *você* como sujeito (Lopes 2008)? Em que função era mais frequente: acusativa ou dativa? Que formas alternantes de 2ª pessoa com função acusativa, dativa e oblíqua conviviam em fins do século XIX e no início do XX?

A gramática tradicional condena a falta de uniformidade no tratamento, mas a combinação de *você* com o clítico *te* ou com o possessivo *teu* é bastante recorrente em construções do tipo (*você disse para eu te ligar*). Interessante observar que comportamento semelhante ocorre em algumas variedades hispano-americanas. Ao discutir as origens do *voseo* argentino, Fontanella (1977) defende que a coexistência de dois subsistemas *vos* e *tú* nos séculos XVI e XVII levou à fusão de ambos, resultando no surgimento de um paradigma supletivo para o *voseo* argentino. A autora mostra que a substituição de *tú* por *vos* em grande parte da América *voseante* se deu no pronome sujeito, mas “nem o pronome objeto *os* nem o possessivo *vuestro* sobreviveram, em seu lugar se empregam *te*, e *tu*, *tuyo*”. Adotando a mesma linha argumentativa, defendemos que, no português brasileiro, houve processo semelhante que ocorreu, entretanto, com as formas *você* e *tu*. Teríamos um *voceamento* (a partir de *você*) no português brasileiro similar aos diferentes subsistemas de *voseamento* na América Hispânica? Como esse paradigma supletivo ou misto foi se constituindo ao longo do tempo? A nossa proposta não é realizar um estudo contrastivo entre o *voseamento* americano e o *voceamento* brasileiro. A intenção elementar é partir dessa questão geral e analisar dados da virada do século XIX para o XX, mostrando a distribuição cronológica da entrada de *você* na posição de sujeito, correlacionando tal fenômeno à retenção do clítico *te* como complemento direto e indireto. Buscamos ainda levantar as formas alternantes na função de complemento.

Este artigo está organizado da seguinte forma: em 1.1, apresentamos brevemente os fenômenos do *voseo* (argentino) e o *voceo* brasileiro, buscando suas semelhanças e diferenças; em 1.2, apresentamos como a forma *você* se instalou e como se configura a variação *você/tu* em diversos subsistemas do PB a partir de resultados diacrônicos e sincrônicos; a seção 2 traz uma descrição do *corpus* utilizado; na seção 3, apresentamos os contextos morfossintáticos que favorecem as formas *você* e *tu* em diferentes funções (como sujeito, pronome possessivo...). A seção 4 traz os resultados referentes à variação *você/tu* na posição de sujeito e a seção 5 apresenta os resultados referentes às funções de complemento (acusativo, dativo e oblíquo).

1.1. O *voseo* (argentino) e o *voceo* brasileiro: introduzindo a questão

Em primeiro lugar é necessário explicitar o que se entende por *voseamento* e *voceamento*. Apesar de se tratar de um complexo fenômeno, de que não daremos conta nos limites desse trabalho, o *voseo* consiste, grosso modo, no “uso de formas pronominais e/ou verbais originariamente pertencentes à segunda pessoa do plural para se referir à segunda pessoa do singular” (Fontanella 1977: 227). Por analogia, o *voceamento* corresponderia ao emprego de formas verbo-pronominais relacionadas a *você* (terceira pessoa formal) com o mesmo objetivo: referir-se à segunda pessoa do singular.

As origens do *voseo* remontam ao espanhol medieval em que se utilizava *vos* para um único indivíduo como sinal de respeito ao lado do íntimo *tú*². Ao longo dos séculos XV e XVI, houve um gradativo desgaste semântico-pragmático de *vos* que teve consequências importantes no período: 1) a coexistência de *tú* e *vos* como tratamento de confiança; 2) a emergência da forma nominal de tratamento *vuestra merced* > *usted* para suprir o valor de respeito que pouco a pouco *vos* perdera. Como defendia Fontanella (1977: 231) foi justamente a coexistência desses três tratamentos (*tú*, *vos* e *V.M*) para a segunda pessoa do singular que desembarcou com os conquistadores e colonizadores nas terras americanas. “O resultado desta situação foi a simplificação da oposição *tú-vos* para todo o domínio hispânico”, seja

² As línguas românicas, e não só o espanhol, herdaram um sistema de tratamento, modificado no latim medieval, que se baseava na oposição estabelecida entre *tu/vós* (plano da intimidade) versus *vós* (plano de cortesia ou distanciamento), como até hoje ocorre em francês.

com o triunfo de *tú* na Espanha e nas áreas de maior contato com a Península (México e Lima), seja com a permanência de *vos* em um paradigma verbo-pronominal misto em grande parte da América (Lapesa 1970: 519).

Obviamente, não há nos dias atuais apenas um tipo de *voseo* em toda hispano-américa, mas características próprias tendo em vista diferenças regionais e sociais numa mesma comunidade linguística. São diversas combinações possíveis em termos verbo-pronominais, estão entre elas: formas pronominais *voseantes* combinadas a formas verbais *tuteantes* (*vos contas*) no Equador; *tú* pronominal com formas verbais *voseantes* (*tu contás*) no espanhol de Montevideú, etc. (Fontanella 1977: 227).

Se for levado em conta exclusivamente o paradigma verbal, a complexidade do sistema é quase indescritível aos desavisados, tamanhas as possibilidades combinatórias entre formas verbais *voseantes* e *tuteantes* variáveis de região para região. Somente para ilustrar alguns casos, lembremos das distintas formas verbais *voseantes* como resultado da síncope do -d- intervocálico no espanhol medieval (*temedes* > *temés* ~ *teméis* ~ *temís*); as formas verbais de *voseo* para determinados tempos (*comés*, *comé*) e de *tuteo* para outros (*comerás*); as formas ambíguas, etc. (Lapesa 1970).

Não é possível traçar aqui um quadro completo desse complexo sistema, mas interessa-nos pinçar uma questão apontada por Fontanella que nos parece fundamental para estabelecer o paralelismo pretendido. Apesar da complexidade do **paradigma verbal** do *voseo*, “as formas **pronominais** (grifo nosso) apresentam uma situação de quase total uniformidade em todas as zonas *voseantes* da América e nos distintos grupos socioculturais que empregam o *voseo*”. A autora afirma que, como mencionado anteriormente, a coexistência de dois subsistemas *vos* e *tú* nos séculos XVI-XVII levou à fusão de ambos, tendo como resultado um paradigma supletivo para o *voseo*. A síntese do quadro apresentado por Fontanella (1977) para a segunda pessoa do singular mostra a formação desse paradigma misto com a conservação de *vos* na função de sujeito e de pronome complemento preposicionado, *te* como complemento não preposicionado e *tu* e *tuyo* como possessivos:

Séculos XVI-XVII						Sistema atual com <i>voseo</i>				
Pessoa	Suj.	Obj.	Refl.	Comp.	Poss.	Suj.	Obj.	Refl.	Comp.	Poss.
Informal	Tú Vos	Te Os	Te Os	Ti Vos	Tu - Tuyo Vuestro	Vos	Te	Te	Vos	Tu Tuyo
Formal	Usted	Lo la le	Se	Usted	Su Suyo	Usted	Lo la le	Se	Usted	Su Suyo

Quadro 1 extraído de Fontanella (1977)

Partindo dessas considerações, propomos que, no português do Brasil, houve um processo semelhante, ocorrido, entretanto, com outros itens pronominais. A fusão se deu entre *você* e *tu* e não entre *vos* e *tú* com reflexos paralelos nos diferentes subtipos de pronomes. O tratamento informal seria *tu* ou *você*, ao passo que o formal seria *o senhor/a senhora*. O quadro geral do PB em termos da 2ª pessoa do singular [-formal] apresentaria hoje as seguintes formas variantes que não são uniformes em todo o território brasileiro, mas apresentam variação a depender de fatores de ordem geográfica, sociolinguística e pragmática³.

PB ⁴	Nominativo (Sujeito)	Acusativo (Obj. direto)	Dativo (Obj. indireto)	Oblíquo	Possessivo
2ª pessoa {	<i>Tu ~Você</i>	<i>Te~ lhe~ você~ Ø</i>	<i>Te~ lhe~a/para você~ Ø</i>	<i>Contigo~prep+ Ti~prep + você</i>	<i>teu~seu ~de você</i>

Quadro 2: Quadro pronominal no português brasileiro nos diversos contextos morfossintáticos

Vejamos agora algumas considerações sobre 1) os caminhos evolutivos trilhados por *você* a partir do seu emprego no Brasil ao lado de *tu*; 2) a configuração dos sistemas de tratamento ao interlocutor que coexistem nas diversas regiões brasileiras na atualidade e 3) os arranjos e rearranjos que estão se formando a partir da expansão de uso de *você*.

³ Nem todos esses aspectos mencionados serão discutidos aqui.

⁴ O quadro 2 sintetiza todas as formas variantes identificadas no PB sem distinguir as diferenças regionais que serão discutidas adiante. Optou-se por uma terminologia distinta daquela proposta por Fontanella (1977) e da visão tradicional, levando-se em conta os rótulos adotados neste trabalho que serão descritos na seção 5.

1.2. Descrição do objeto

1.2.1. Do passado para o presente: breve contextualização da entrada de *você* no PB

O quadro pronominal no Brasil ainda está sendo mapeado tendo em vista as diferenças sócio-pragmáticas e regionais do uso de *tu* ~ *você*. Em termos históricos *Vosmecê*, *mecêa*, *vosse*, *você* e a própria forma original *Vossa Mercê*⁵ aparentemente chegaram ao Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos – século XIII-XIV. A partir de meados do século XVIII, os usos tornaram-se divergentes. A forma vulgar *você* passou a ser produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*. No Brasil, a concorrência tornou-se mais acentuada entre *tu* e *você* nas relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX. Tais valores, entretanto, permaneceram disponíveis, principalmente, no português europeu em que *você* não se generalizou como ocorreu no Brasil. Aqui tal estratégia não era estigmatizada o que deve ter impulsionado a expansão de seu uso.

O estudos de Soto (2001, 2007), Lopes e Machado (2005), Rumeu (2008) e Lopes (2009) mostraram que o tratamento *você* no século XIX apresentava um comportamento híbrido e instável, pois aparecia tanto como uma estratégia de prestígio usada pela elite brasileira da época, quanto um tratamento geral em cartas de cunho doméstico ao lado de *tu*.

Na medida em que *você* se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte (*Vossa Mercê*), passou a concorrer com o solidário *tu* nos mesmos contextos funcionais. Do “tratamento nominal abstrato” (*Vossa Mercê*), segundo Koch (2008: 59), *você* teria herdado o caráter indireto e atenuante da estratégia nominal de tratamento, por isso seria menos invasivo, menos “ameaçante ao interlocutor”.

Os processos migratórios externos e internos também trouxeram para o Brasil continental reflexos distintos de um sistema de tratamento que foi se modificando em Portugal e aqui. Como ocorreu na

⁵ Os resultados do processo histórico da gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* em português têm despertado interesse, nos últimos anos, em diferentes pesquisadores das diversas regiões do Brasil. No âmbito histórico, há um grupo da UFRJ que tem feito análises com base em *corpora* diversificados dos séculos XVIII e XIX (cf. <<http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico>>)

América Hispânica, não se pode imaginar a existência de apenas um tipo de *voceamento* como mostraremos a seguir.

1.2.2. A configuração diatópica dos subsistemas de tratamento no PB: *você, tu e você/tu*

Em princípio, podemos dizer que atualmente coexistem pelo menos três subsistemas de tratamento na posição de sujeito – (i) *você*, (ii) *tu* e (iii) *você/tu*. Em certas localidades o uso de *você* é prioritário ou exclusivo, em outras prevalece o *tu* majoritário com ou sem concordância. Na maior parte do Brasil, entretanto, identifica-se a variação *você/tu*.

Não se tem ainda um completo mapeamento descritivo da atual situação do nosso sistema pronominal de tratamento. Scherre *et al* (2009) realizaram uma excelente síntese sobre os estudos de variação *você/tu* no Brasil na posição de sujeito e apresentam uma descrição inicial, propondo a existência de seis subsistemas de tratamento no PB assim subdivididos: (1) *você*, (2) *tu* (concordância baixa), (3) *você/tu* (sem concordância), (4) *tu* (concordância média), (5) *você/tu* (concordância muito baixa) e (6) *você/tu* (concordância médio-baixa). Apesar de se tratar de uma subdivisão pormenorizada que leva em conta a frequência média do pronome *tu* ou *você* e a presença/ausência da concordância com a forma *tu*, os subsistemas descritos por Scherre *et al* (2009) não fogem do desdobramento tripartido proposto acima: (i) *você*, (ii) *tu* e (iii) *você/tu*. Com algumas adaptações, tais subsistemas poderiam ser, em síntese, assim descritos:

No subsistema 1 (**V-você**), identifica-se um uso predominante do pronome-sujeito *você* e suas variantes (*ocê, cê*, etc) com 97% e 100%. Os estudos⁶ localizaram tal subsistema: (1) na região Sudeste, em particular nas cidades de Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia, Arcos, no estado de Minas Gerais e na capital do Espírito Santo, Vitória; (2) na região Sul do Brasil, em Curitiba, capital do Paraná, que teve forte afluxo de paulistas; e (3) na região Nordeste, em particular no estado da Bahia, em Salvador, Helvécia e Rio de Contas.

No subsistema 2 (**T-tu concordância baixa**), é o emprego do pronome pessoal *tu* que prevalece com taxas de frequência acima de 80%, mas a concordância fica abaixo de 10%. O emprego de *tu*

⁶ Cf. Andrade 2004; Coelho 1999; Ramos 1997; Herênio 2006: 76-79; Gonçalves 2008; Calmon 2010; Loregian-Penkal 2004: 121; Figueiredo 2005: 13.

com concordância baixa foi identificado, segundo o levantamento de Scherre *et al*⁷, em cidades da região Sul, em particular no Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Pelotas) e em uma localidade da região Norte (Tefé no Amazonas)⁸.

Diferentemente da ordem proposta de Scherre *et al* (2009), denominamos aqui de subsistema 3 (***T-tu concordância média***) o emprego majoritário de *tu* sujeito com concordância acima de 40% para facilitar a sistematização panorâmica dos sistemas tratamentais⁹. Trata-se ainda de um subsistema de *tu*, como o anterior, no entanto, a distinção se dá apenas na maior presença da concordância. A presença de *tu* também não é absoluta nesse caso, predominando com índices acima de 76%. Esse subsistema também ocorreria nas regiões citadas anteriormente, embora esteja presente em outras cidades/localidades, quais sejam: (1) na região Sul, foi identificado nas cidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha que ficam em Santa Catarina; (2) no Nordeste, pode ser localizado em São Luís do Maranhão, embora os percentuais ainda não estejam disponíveis, e na região Norte, é encontrado na cidade de Belém (capital do Pará).¹⁰

Os subsistemas 4, 5 e 6 seriam aqueles em que *você* e *tu* (os ditos *T/V* ou *V/T*) coexistem na mesma comunidade, apesar de as taxas de uso serem diferenciadas. O subsistema aqui denominado de 4 apresenta um equilíbrio entre os pronomes pessoais *tu* e *você* (em torno de 50%) com baixa concordância com o pronome *tu* (perto de 1%). Tal comportamento, a nosso ver, não justificaria um subnível de classificação por ter sido identificado apenas na localidade de Chapecó, em Santa Catarina, na região Sul (*cf.* Loregian-Penkal 2004: 133; 137; 167). No subsistema 5, observa-se também o uso variável dos pronomes *você/tu* com índices maiores para *você* (30% a 95%)¹¹. Nesse subsistema não há concordância com o pronome *tu*, tendo sido estudado e localizado no Distrito Federal e Grande Brasília (região Centro-Oeste); no Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP), São João da Ponte (MG) (região Sudeste). Para o Nordeste, só há dados de localidades

⁷ *Cf.* Loregian-Penkal 2004: 138; Amaral 2003: 15; 120; Martins 2010.

⁸ Não se tem notícia de estudos nas regiões: Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste.

⁹ A autora chamou tal subsistema como 4 e não como 3. Optamos por classificar assim para facilitar a hierarquização que estamos considerando mais geral (*você, tu, você/tu*).

¹⁰ *Cf.* Loregian 1996: 65; Loregian-Penkal 2004: 136; 167; Soares e Leal 1993: 51.

¹¹ *Cf.* Lucca 2005; Dias 2007; Paredes Silva 2003: 163; Lopes et alii 2009; Modesto 2006: 85; Mota 2008: 64; Leão, Altenhofen & Klassmann 2003; Figueiredo 2005: 13; Figueiredo 2007: 13.

da Bahia (Cinzento, Sapé, Poções, Santo Antônio) e no Sul, em particular no Paraná, ocorreria em áreas bilíngües.

Outra subdivisão de *T/V* ou *V/T* é o subsistema 6, assim classificado por Scherre *et al.* (2009) pelo fato de ter um emprego variável dos dois pronomes e a concordância com o pronome *tu* acima de 10% (entre 14% e 38%). Tal subsistema é identificado na região Sul, em particular em Santa Catarina, nas cidades de Blumenau e Lages e em diversos estados da região Nordeste: Pernambuco (cidade de Recife), Paraíba (João Pessoa e Campina Grande), Ceará (Fortaleza), Piauí (Teresina), Imperatriz (Maranhão).¹²

Mesmo correndo o risco de perder informações importantes sobre a presença/ausência de concordância com o pronome *tu* e a distribuição por localidades estudadas, mas priorizando um olhar mais amplo sobre o fenômeno, propomos, no quadro a seguir, a redução dos seis subsistemas propostos por Scherre *et al.* (2009) para apenas três, como discutido no início da seção:

Subsistema/Região	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
(1) <i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
(2) <i>Tu</i>			<i>Tu</i>	<i>Tu</i>	<i>Tu</i>
(3) <i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i> (DF)	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>

Quadro 3: Distribuição dos 3 subsistemas dos pronomes pessoais de 2ª pessoa pelas regiões brasileiras (adaptado de Scherre *et al.* 2009)

Como se percebe no quadro 3 que sintetiza os resultados descritos, é inegável que *você* se generalizou no PB como pronome pessoal, seja variando com o pronome *tu*, subsistema mais produtivo em todas as regiões, seja como tratamento exclusivo em quatro das cinco regiões brasileiras. É preciso ainda destacar dois aspectos que serão discutidos em outro momento. O primeiro ponto a enfatizar é o fato de o pronome sujeito *tu* ainda se manter bastante presente e ter aumentado sua frequência de uso nos últimos anos em várias localidades, principalmente, sem o traço de concordância. O segundo refere-se aos fatores de natureza sócio-pragmática que influenciam na escolha dos falantes por *tu* ou

¹² Scherre *et al.* (2009) afirma que em algumas localidades os percentuais não são completamente conhecidos. Os estudos dessas áreas foram feitos por Loregian (1996: 65), Loregian-Penkal (2004: 137 e 167), Bezerra (1994: 115), Soares (1980), Herênio, (2006: 76-79).

você nessas áreas em que há coexistência das formas. Os estudos têm demonstrado, em síntese, forte favorecimento de *tu* em atos diretivos, contexto determinado, situações mais solidárias e íntimas na fala de jovens do sexo masculino, principalmente os de menor escolaridade e/ou em áreas rurais ou do interior. A maior neutralidade, o caráter “menos invasivo” e o contexto indeterminado seriam os contextos favorecedores ao emprego da forma *você* (Lopes 2009).

A identificação desses três (ou seis) subsistemas de tratamento ao interlocutor no português brasileiro atual nos interessa por dois motivos. Em primeiro lugar, pretendemos mapear em que momento histórico o pronome *você* começa a suplantiar *tu* como pronome pessoal sujeito a partir de um *corpus* de cartas pessoais. Em segundo lugar, desejamos discutir como se configurou a implementação de *você* no restante do quadro pronominal, em particular, como complemento verbal direto e indireto (*acusativo, dativo e oblíquo*).

1.2.3. A reorganização do quadro a partir da entrada de *você*

Como os processos de mudança não afetam o sistema linguístico em sua totalidade e de maneira instantânea, percebemos que a entrada de *você* não ocorreu na mesma velocidade em todo quadro de pronomes (pessoais reto, oblíquos átonos e tônicos, possessivos). Advinda de uma expressão nominal (*Vossa Mercê*) que levava o verbo para a terceira pessoa do singular, a forma *Você* manteve algumas propriedades morfossintáticas do tratamento primitivo que acarretaram no rearranjo do sistema pronominal. Persistiu a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva seja obviamente de 2ª pessoa. Algumas alterações afetaram em cadeia as subclasses dos pronomes-complemento diretos e indiretos, além dos possessivos. Diferentemente do pronome original de 2ª pessoa *tu*, a forma gramaticalizada (*Você*) pode figurar em todas as posições sintáticas sem flexão, além de ocorrer combinando-se às formas clíticas e/ou possessivas relacionadas a *tu* como se vê em: *Você_i* disse que eu *te_i* acharia na faculdade para pegar o *teu_i* livro.

As combinações atuais entre as duas formas pronominais de segunda pessoa são bastante variáveis. Com a migração do possessivo de terceira *seu* (e variantes) para o paradigma de segunda pessoa, ocasionada também pela inserção de *você* no sistema, a forma *dele* tem sido utilizada como estratégia “possessiva” de 3ª pessoa para

evitar a ambiguidade do possessivo *seu*, que atende à segunda e à terceira pessoas.

O clítico dativo de 3ª pessoa *lhe* também perdeu espaço para sintagmas preposicionados introduzidos pelas preposições *a* ou *para* (esta mais produtiva do que aquela no português brasileiro falado, como demonstram diversos estudos). Este desuso poderia estar correlacionado ao fato de a forma *lhe* figurar, em algumas regiões do Brasil, em referência à segunda pessoa, principalmente, na função de objeto direto (Gomes 2003; Freire 2000), podendo ainda marcar formalidade (Ramos 1998).

Os clíticos acusativos de 3ª pessoa (*o/a/os/as*) também apresentam baixa frequência no português falado (Duarte 1986). Para Gomes (2003: 87) “o PB caracteriza-se pela ausência de formas pronominais exclusivas para referência à terceira pessoa na expressão do acusativo e do dativo”. A autora revela que só identificou, na amostra de fala do Rio de Janeiro, a presença de clíticos na primeira e segunda pessoas do singular. Nas demais pessoas, contudo, ocorrem apenas as formas tônicas dos pronomes. Para a segunda pessoa do singular, o paradigma das formas pronominais estaria, segundo Gomes (2003), assim configurado no dialeto carioca: nominativo (*Você/Tu*), acusativo (*te/lhe/você/Ø*), dativo (*te, lhe/a~para você*).

Como se vê a “uniformidade de tratamento” ainda defendida nas gramáticas tradicionais é completamente artificial no português brasileiro. Na função de complemento, por exemplo, estudos sincrônicos e diacrônicos mostraram o predomínio de *te* sobre *você* tanto no subsistema tratamental em que predomina *Tu* quanto no que prevalece *Você*.

Analisando dados de fala rural do Paraná, em que tratamento ao interlocutor é *você*, Brito (1999: 61), observou, na função de objeto, “maior porcentagem do uso de *te* (63,5%) frente ao uso de *você* (30%)” e 6,5% de *te...você* em construções do tipo “o que que *te* salvô *você*?”. Ferro e Christan (1996), em trabalho anterior, chegaram a resultados semelhantes em pesquisa sobre as formas alternantes de objeto. O estudo foi realizado com dados de Curitiba em que se tem o subsistema de tratamento (1) *você*.

Em um estudo diacrônico feito a partir de peças de teatro escritas entre 1833 e 1988, Brito (2001) analisou os pronomes de 2ª pessoa do singular em função de objeto e observou que o emprego de *te* superava as outras estratégias nos quatro períodos de tempo controlados.

A análise feita com base em cartas produzidas nos séculos XIX-XX também apresenta resultados semelhantes. O trabalho de Lopes (2009) demonstrou que o clítico *te* era o recurso mais produtivo, ocorrendo tanto em cartas com sujeito *tu*, quanto naquelas em que o pronome *você* aparecia nessa posição. Uma das questões que nos interessa, neste momento, é descrever se o emprego de *te* era mais geral no acusativo ou dativo ao lado das outras estratégias apresentadas. Discutiremos ainda 1) em que lugar as marcas originais de segunda pessoa do singular (relacionadas a *tu*) se mantiveram; 2) em que contextos a forma gramaticalizada *você* se inseriu mais rapidamente.

2. O CORPUS UTILIZADO

A partir dos estudos sociolingüísticos instaurados por Labov (Weinreich *et al.* 1967; Labov 1994) se procurou superar a perspectiva, até então reinante, de que o sistema é o domínio da invariância. Defende-se que a variação é inerente às línguas e que ela, na verdade, não é aleatória, mas sistemática, predizível (tanto estrutural quanto socialmente) e envolve a covariação de mudanças associadas num largo período de tempo.

Para determinar a dimensão temporal da mudança, existem procedimentos rigorosos em termos da organização de uma amostra representativa, principalmente quando se está lidando, por exemplo, com uma ampla população urbana ou com um período dilatado de tempo.

Neste estudo, foram analisadas 124 cartas de diferentes famílias brasileiras produzidas no período de 1870 a 1937, organizadas em cartas de pessoas ilustres e não-ilustres¹³, que compõem o *Corpus Compartilhado Diacrônico*¹⁴. O conjunto de cartas de ilustres é constituído pela produção das seguintes famílias: Cupertino, Affonso Pena e Land Avelar. A documentação das pessoas menos ilustres ainda

¹³ Tem-se procurado controlar o perfil social e o nível de “escolarização” dos remetentes das cartas. No CCD há cartas das ditas pessoas ilustres ou com maior contato com o mundo da escrita. Essa documentação foi produzida pela elite da época. Há também algumas cartas das pessoas menos ilustres e com menor contato com os modelos de escrita do período.

¹⁴ A edição das cartas é feita pelos membros da equipe do Projeto “Retratos da mudança no sistema pronominal: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas cariocas (séculos XVIII-XX)”. As amostras da Família Cupertino do Amaral e Afonso Penna foram editadas por Rachel Pereira, ex-bolsista IC/Balcão/CNPq e aluna de Mestrado/UFRJ. As cartas da família Land Avelar foram editadas pela mestrand Paula Fernandes da Silva. A amostra do “Casal dos anos 30” foi editada por Janaina Pereira e Érica do Nascimento, ambas ex-bolsistas de IC (PIBIC/CNPq/UFRJ) e atuais mestrandas da UFRJ.

é preliminar e se restringe a cartas trocadas entre os noivos Maria e Jaime nos idos de 1936-37. Seguem algumas informações sobre essas amostras parciais¹⁵:

A) Famílias “ilustres”:

A amostra Cupertino foi produzida em fins do século XIX (1870-1890). Trata-se de cartas ativas e passivas de Antônio Felizardo Cupertino do Amaral, nascido em 1852 no Rio de Janeiro.

A documentação da Família Affonso Penna/AN-RJ envereda pelo início do século XX (1896-1926) e reúne cartas destinadas a Affonso Penna Júnior, filho do ex-presidente da República. Ele nasceu em Minas Gerais, em 1879, e faleceu no Rio de Janeiro.

As cartas da Família Land Avellar foram produzidas entre 1907–1917. Trata-se da correspondência ativa e passiva de Alarico, filho do comerciante e proprietário da Gazeta de Petrópolis, Júlio César Ribeiro de Avellar e D. Helena Land Avellar. Nasceu em Vassouras, no Rio de Janeiro em 04/11/1882.

B) Pessoas “não-ilustres”: O casal dos anos 30:

As cartas do final dos anos 30 constituem um material ímpar que foi produzido por um casal de namorados residentes no Rio de Janeiro. O noivo J. S. residia no subúrbio carioca de Ramos, trabalhava no centro da cidade da antiga capital federal. A noiva M. R morava em Petrópolis. Mesmo sendo uma produção escrita, considera-se que essa amostra apresenta mais nitidamente traços peculiares de um português brasileiro mais “popular” (ou menos culto) do início do século XX em formação. Diferentemente das cartas de ilustres, a documentação de Jaime e Maria revela que os remetentes tinham pouco domínio da cultura letrada, nos dando um perfil bem próximo da realidade linguística da época.

3. CONTEXTOS MORFOSSINTÁTICOS MAIS PRODUTIVOS AO EMPREGO DE *VOCÊ* E *TU* NAS CARTAS

Em estudos anteriores feitos a partir cartas dos séculos XIX-XX (*cf.* Rumeu 2008; Lopes 2009) foram levantadas todas as formas tratamentais

¹⁵ Mais informações sobre as amostras podem ser encontradas na página do *Corpus Compartilhado Diacrônico*: <http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico>.

de referência ao interlocutor para observar se naquela sincronia já havia a dita “mescla de tratamento” ou falta de uniformidade tratamental. Para tanto, foram coletadas todas as formas associadas ao paradigma de *tu*: desinência verbal/sujeito não-preenchido (\emptyset *escrevias*), sujeito *tu* preenchido (*tu escrevias*), imperativo indicativo (*Fala! Escreve!*), possessivos (*teu/tua*), pronome-complemento sem preposição (*te*), pronome-complemento com preposição (*contigo/para ti*). Do mesmo modo, foram levantadas as formas relacionadas a *Você*: desinência verbal/sujeito não-preenchido (\emptyset *escrevia*), sujeito *você* preenchido (*você escrevia*), imperativo subjuntivo (*Fale! Escreva!*), possessivos (*seu/sua*), pronome-complemento sem preposição (*você*), pronome-complemento com preposição (*com você/ para você/ a você*).

Esses estudos demonstraram que as formas relacionadas ao pronome *tu* foram as mais produtivas na documentação relativa a fins do século XIX e início do XX com índices de frequência próximos de 60%. Observou-se ainda que os contextos favoráveis a formas relacionadas a *tu* eram: (a) pronome-complemento sem preposição (*te*), (b) verbo não-imperativo (sujeito nulo com marca desinencial de segunda pessoa) e (c) determinante possessivo (*teu/tua*). O exemplo (1) apresenta alguns desses contextos:

- 1 “Estimando que tudo \emptyset *encontres*_(b) a *teu*_(c) gosto, peço-*te*_(a) que \emptyset *desculpes*_(b) a demora” (Carta de Alberto – família Cupertino)

Os contextos favoráveis às formas associadas a *você* foram, por sua vez, o pronome complemento preposicionado como em (2), pronome-sujeito em (3) e imperativo exemplificado em (4):

- 2 “eu tenho sonhado todas as noites *com você*” (Carta de Maria a Jaime)
- 3 “*Você* já devia ter me escripto,” (Carta de Elisa – família Cupertino)
- 4 “*Diga* a Marieta que hei de escrever lhe outra carta, mas que ella responda.” (idem)

Tendo em vista esses resultados preliminares, optamos por analisar, neste momento, apenas dois dos contextos morfossintáticos que se mostraram favoráveis às formas relacionadas a *você* e *tu*: posição de sujeito e complemento do verbo. No caso do sujeito, partimos da hipótese de maior favorecimento de *você* como sujeito-preenchido e de *tu* como sujeito nulo nessas cartas. Em relação complemento do

verbo, também foi identificada certa distribuição complementar que norteia nossa hipótese. Enquanto o complemento preposicionado favorece a presença de *você*, o não-preposicionado (clítico *te*) é o mais produtivo, correlacionando-se tanto no sistema tratamental em que predomina *tu* quanto no que prevalece *você*. Falta verificar se ocorre mais como acusativo ou dativo. Vejamos a distribuição quantitativa dos dados nos dois contextos.

4. O PREENCHIMENTO DO SUJEITO COM *VOCÊ* E *TU*: DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS RESULTADOS

Um dos contextos mais propícios ao emprego de *você*, de acordo com os estudos de Brito (2001), Machado (2006), Rumeu (2008), Lopes (2009), entre outros é a posição de sujeito. Em fins do século XIX e início do XX, o português ainda era uma língua na qual havia uma grande ocorrência de sujeito nulo. Os estudos mencionados indicaram que a partir dos anos 30 a frequência de uso do preenchimento do sujeito começou a suplantiar a sua realização não-plena. Duarte (1993), analisando peças teatrais brasileiras, verificou que os índices percentuais de sujeito nulo são significativos até pelo menos os anos 50: 77% em 1882, 75% em 1918, 54% em 1937, 50% em 1955, 33% em 1975, 28% em 1992. Duarte destacou que, a partir da década de 30, há a primeira redução percentual correspondendo ao momento em que *você* tornou-se mais produtivo que *tu*. Nos estudos parciais feitos com base em cartas, o domínio de *tu* sobre *você* manteve-se alto até pelo menos os anos 40 do século passado. O pronome *tu* apresentava, aproximadamente, 70% de frequência sobre *você* e a sua realização como sujeito nulo atingia patamares bem próximos de 100% no início do século XX. Em contrapartida, o emprego de *você* era preferencialmente pleno.

A tabela 1 apresenta os resultados de *tu* e *você* na posição de sujeito, tendo em vista o preenchimento ou não desta posição na totalidade da amostra de cartas:

1870-1937	Tu	Você
Pleno	49/177 28%	128/177 72%
Nulo	248/313 79%	65/313 21%
Total	297/491 60%	194/491 40%

Tabela 1. Sujeito pronominal-distribuição geral em cartas pessoais dos séculos XIX-XX

Em termos dos resultados totais, nota-se que o emprego do pronome de segunda pessoa *tu* é mais produtivo (60%) em relação ao *você* (40%). Cabe destacar que não se trata necessariamente da forma explícita do pronome *tu*, uma vez que, nesse período, a marca de segunda pessoa ocorria frequentemente expressa na desinência verbal com o pronome-sujeito não-explícito. Como se observa na tabela (1), *tu* ocorre preferencialmente nulo em relação a *você* (79% contra 21%). Verifica-se, na totalidade da amostra de cartas, que *você* é preferencialmente preenchido na posição de sujeito com 72%, enquanto *tu* é predominante como sujeito nulo. Esses resultados corroboram os estudos anteriores como os de Brito (2001), Lopes (2009), Machado (2006), Rumeu (2008): foi como sujeito que *você* iniciou sua inserção no quadro pronominal.

Para acompanhar o processo gradual de inserção de *você*, analisou-se a sua distribuição cronológica na posição de sujeito em oposição a *tu*. As cartas foram organizadas em cinco períodos de tempo distintos: 1870-99, 1900-09, 1910-19, 1920-29 e 1930-39:

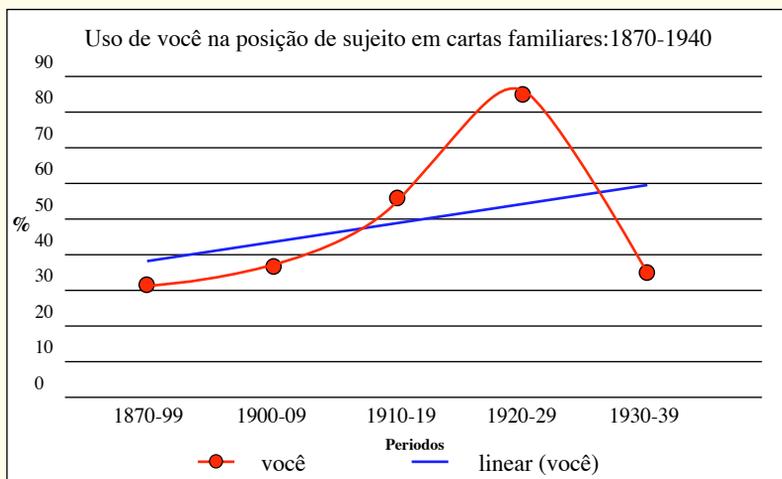


Gráfico 1: Posição do sujeito nas cartas pessoais dos séculos XIX-XX: *você* x *tu*

Nota-se, a partir da análise do gráfico, o aumento gradativo e constante de *você* ao longo das cinco faixas controladas, principalmente entre a década de 1910-19. Nas três últimas décadas do século XIX (1870-99) e na primeira do século XX (1900-09), as taxas de *você* apresentavam índices pouco representativos (em torno dos 30%), evidenciando a supremacia de *tu* que prevaleceu até os anos de 1910 aproximadamente. Entre os anos de 1910-19, identificou-se um equilíbrio no uso das formas *você* e *tu* com valores próximos dos 50%. A partir dos anos 1920, *você* superou o uso de *tu* na posição de sujeito com 79%, confirmando o que Duarte (1993-5) encontrou nas peças de teatro. A linha de tendência traçada serve para ilustrar o aumento gradativo e constante de *você*, mesmo que nas últimas décadas controladas (1930-39), tenha havido um decréscimo acentuado de *você*. Tal resultado deveu-se ao fato de um dos remetentes (Jaime) utilizar-se prioritariamente de *tu* em suas cartas de amor¹⁶.

Em termos qualitativos alguns aspectos gerais devem ser mencionados. Nas cartas mais antigas, fins do século XIX, os poucos dados de *você* faziam parte de fórmulas fixas para captação de benevolência e foram escritas pela mesma pessoa (de Antonio para sua esposa Elisa), como se vê de (5) a (7):

- 5 “Desejo que *você* esteja bôa. Eu vou passando bem” (15/03/1879, Antonio-Elisa);
- 6 “Desejo que *você* e Marieta estejam bôas. Eu vou sem novidade” (Antonio-Elisa);
- 7 “Estimara que *você* e todos os nossos queridos filhinhos tenham passado bem”. (12/02/1886, Antonio-Elisa)

Há casos, ainda, que o emprego do pronome de tratamento dá-se em um ato indireto com tom de lamentação:

- 8 “Minha querida Elisa, Hontem tive duas cartas suas de 6 e de 8, ficando aborrecido por saber que *você* continua a passar incomodada”. (10/03/1886, Antonio-Elisa Cupertino)

Nesse caso, o marido não empregou o pronome *você* para se dirigir diretamente à sua esposa, mas para se reportar a uma menção anterior, a

¹⁶ Lopes (2009) apresenta maiores detalhes sobre os condicionamentos que favoreceram o emprego de *tu* e *você* nas cartas da década de 30. Por ora, nos interessa dar um panorama geral das formas no *corpus*.

algo que “soube” por intermédio de outra carta anteriormente enviada. No exemplo (9), o mesmo remetente opta pelo tratamento *você* para atenuar um pedido, um tanto ameaçador (*você me espere*):

- 9 “Assim, pois, *você* me espere quando digo que me espere não quero dizer que quando [...] porque jantarei na Barra”. (12/03/1886, Antonio-Elisa Cupertino)

Tal ato linguístico no contexto da carta lhe pareceu demasiadamente imperativo/incisivo a ponto de ser necessário justificá-lo com uma ressalva que minimizaria o caráter imperativo da solicitação (*quando digo que espere, não quero dizer...*). Koch (2008: 64) defende que o risco de um ato ameaçador à “face negativa” (território) do interlocutor presente em ordens transfiguradas em pedidos costuma ser atenuado pelo emprego de um tratamento abstrato. Nesse sentido, o pronome *você*, no exemplo em questão, ainda estaria mantendo o sema de cortesia da forma original.

Em cartas dos anos 1910-19, por sua vez, as ocorrências de *você*-pleno não apareceram em construções fixas e se alternaram numa mesma carta com *tu-nulo* como se observa de (10) a (12):

- 10 “Recebi os jornaes que você me mandou, apreciei muito os discursos e a imponente posse que \emptyset tivestes” (11/08/1919, carta de Maria Guilhermina ao filho Affonsinho)
- 11 “Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não \emptyset tens tempo para responder. Sinto bem você não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora você deve estar mais tranqüilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos” (23/09/1919, M. Guilhermina ao filho Affonsinho)
- 12 “Podia tambem escrever a seo Pae, e D João Pinheiro porem entendo não ve necessario só basta que você si interessou. Como \emptyset sabes para a reorganização da Fabrica é necessaria a mia efficaz intervenção e o mais dificil é obter-se o capital necessário para si montar filatorio e mais despesas 05/1906, Tio Neca a Affonsinho)

Nas cartas mais inovadoras de fins da década de 1930, percebeu-se uma diferença de comportamento em relação à documentação anterior. Nessa documentação o emprego de *tu* passou a ocorrer também como sujeito pleno e não mais como sujeito nulo. Os trechos a seguir ilustram o emprego das formas variantes de segunda pessoa na posição de sujeito. Em (13) tem-se um fragmento com as estratégias utilizadas por Jaime para se dirigir à Maria e em (14) a resposta ao noivo:

13 “Espero que não *Ø tenhas* te zangado comigo por causa do que houve, só *tu sabes* a extensão do nosso amor, e *Ø podes* avaliar o quanto tenho sofrido, para mim nada mais resta neste mundo a não ser o teu amor, dele é que tiro toda a energia de minha vida. *Tu não deves* pensar em bobagens (...) *você sabe* perfeitamente que só ati é que eu amo” (19/01/1937, Jaime para Maria)

14 “Eu não mezango com você nem *Ø presi:avas* pedir pela carta o meu amor e sego. E eu sei perfeitamente que *Ø teis* sofrido muito por minha causa mais tenha fé em Deus e na N. Senhora. *Você não precisa* aranjear mais o lugar para eu mandar asminhas cartas” (21/01/1937, Maria para Jaime)

Outro aspecto que se mostrou relevante nesse conjunto de cartas de pessoas menos ilustres foi a presença de alguns dados de *tu* sem a marca desinencial de segunda pessoa do singular de (15) a (17):

15 “Só quero *tu crêa* em mim, porque não te esqueço se quer um um minuto” (12/01/1937, Jaime para Maria)

16 “*tú é* a dona do meu coração” (19/01/1937, Jaime para Maria)

17 “Minha querida, *tú não pode* avaliar quanto me fez bem este nosso encontro” (25/01/1937, Jaime para Maria)

Mesmo que ainda se tenha um número reduzido de dados de *tu* sem concordância nessas cartas de amor, esses resultados preliminares do início do século XX delineiam o que se configurará estruturalmente no século XXI, como descrito a partir de Scherre *et al* (2009): a concordância verbal de *tu* com a 3ª pessoa (ou a falta de concordância). Tal comportamento, que é comum hoje na fala urbana de vários centros brasileiros, como é o caso do Rio de Janeiro, já aparecia nas cartas pessoais da década de 30. Se aparecia assim em documentação escrita, o que não acontecia na fala daquela época!

Em suma, identificaram-se, em fins do século XIX, motivações sócio-pragmáticas para o preenchimento do sujeito com *você* numa língua ainda de sujeito nulo. *Você* era utilizado para destinatários e contextos específicos, atenuando pedidos/ordens e ocorrendo em estruturas fixas típicas do gênero carta. O pronome *tu* era mais produtivo, principalmente, como sujeito nulo. A partir da segunda década do século XX, por sua vez, percebeu-se um ligeiro aumento do emprego de *você* que passou a ocupar pouco a pouco os espaços funcionais de *tu*. Nos anos 30, o pronome *tu* tornou-se produtivo também como sujeito pleno ao lado de *você*, como se pode verificar em Lopes (2009).

5. PRONOMES-COMPLEMENTO COM E SEM PREPOSIÇÃO: ACUSATIVO, DATIVO OU OBLÍQUO?

Com o intuito de observar, no período em análise, o comportamento dos pronomes de 2ª pessoa como complemento verbal, fizemos um levantamento das formas variantes nas funções *acusativas*, *dativas* e *oblíquas* nos termos de Duarte (2003).

Consideramos aqui como *acusativas*, as formas pronominais de 2ª pessoa que desempenham a função de objeto direto. Na perspectiva tradicional de “uniformidade de tratamento”, o pronome original de segunda pessoa no caso acusativo seria apenas o clítico *te*, no entanto, como se viu, a partir da entrada de *você* no sistema há outras formas variantes no PB (*te~você~Ø~lhe*). No *corpus* somente as três primeiras ocorreram como *acusativo/objeto direto*: *te* em (18), *você* em (19) e objeto nulo em (20).

18 “Desejo que esta te encontre gozando saude”. [01-AA-18-08-1907]

19 “Estimo que esta vá encontrar voce e a Hilda melhores do resfriado, e que estejam todos de boa saude” [Carta 07-JM-29-09-1936]

20 “Guimba esteve na Penha no Domingo, vai outra vez neste que vem, elle não te foi procurar na duvida de Ø encontrar”. [03-AA-05-10-1909]

Além de controlar os complementos acusativos, controlamos também os dativos e os oblíquos, seguindo a descrição proposta em Duarte (2003). A distinção entre complemento dativo e oblíquo prevê a diferença sintática elementar entre os complementos verbais preposicionados que podem ser cliticizados e os que não podem. No caso dos dativos, podemos observar a variação entre *te~a/para você~Ø~lhe* (*enviei-te a carta ~ envie a carta a você ~ envie-lhe a carta*); os oblíquos só podem ser realizados como um sintagma preposicionado, não sendo gramatical o uso do clítico (sonhei com *você* - **te sonhei*)[□]. Consideramos aqui *objeto indireto* (*dativo*) o constituinte que é tipicamente um argumento interno de verbos de dois lugares do tipo (S V OI) ou ditransitivos (S V OD OI) com papel semântico de Alvo, Fonte ou Beneficiário com traço [+animado] (Duarte 2003: 289, Berlinck 1996). Tendo em vista o foco deste estudo, é preciso enfatizar que as formas clíticas *te* e *lhe* podem desempenhar, na segunda pessoa, tanto a função de objeto direto (acusativo) como de objeto indireto

(dativo). Os exemplos a seguir ilustram as formas variantes de dativo, coletadas no *corpus*, incluindo os sintagmas preposicionais também concorrentes (*a/para você ~ a/para ti*): *te* em (21), *a você* em (22), *lhe* em (23), dativo nulo em (24) e *para você* em (25) e *a ti* em (26):

- 21 “Agradeço-te desde já a fineza e peço-te, meo caro Antonico, que aceites um apertado abraço do Seo amigo velho e caro” [Carta 21-CA-5-7-1895]
- 22 “O dicionario serviu bem e mamãe mandou pelo Tito agradecer a você, bem como tudo que mandou-lhe”. [26-AA-08-06-1917]
- 23 “Já tive noticia de ter João recebido os 100\$, o que de novo lhe agradeço”. [Carta 03-CA-14-11-1874]
- 24 “Agradeço \emptyset muito o cuidado que voce tem tido de mim, espero a receita que me prometeu”.
- 25 “Um afetuoso abraço para os teus, um beijinho para a Hilda, e para voce minha santa que mandarei?” [Carta 06-JM-28-09-1936]
- 26 “Eu acho que no planeta terrestre não existe aparelho capaz de medir a extensão de meu amor, este amor que só a ti dedico e que tanto faz-me sofrer”. [Carta 21-JM-22-03-1937]

Diferentemente das formas pronominais dativas, as formas oblíquas são sempre tônicas e regidas por preposição, mas não estabelecem, como afirma Duarte (2003: 294), relações gramaticais centrais. Estamos considerando aqui como oblíquos, os argumentos obrigatórios que fazem parte da estrutura argumental dos verbos (*complemento relativo* de Rocha Lima 1972) e os opcionais (adjuntos), como exemplificado em (27) e (28), respectivamente:

- 27 “porque a minha vida depende de ti, porque é a única mulher a quem amo” [Carta 05-JM-26-09-1936]
- 28 “porque irei roubar se for preciso, porque fiquei limpo, e se sobrar troco guarda-o para ti. [Carta 02-JM-22-09-1936]

A tabela 2 apresenta o número total de ocorrências e os respectivos percentuais de frequência do clítico *te* e dos demais pronomes-complemento de segunda pessoa nas cartas dos séculos XIX e início do XX:

	TE	LHE	Ø	O/A	VOCÊ	A VOCÊ	PARA VOCÊ	PREP+ VOCÊ	PREP +TI	CONTI-GO	TOTAL
Acusativo	93		2	1	8						104
	89%		1,9%	0,3%	7,6%						29%
Dativo	116	28	43			7	9		5		208
	56%	13%	21%			3,4%	4,3%		2,4%		60%
Oblíquo						1	3	23	15	6	48
						2%	6,1%	47%	31%	12,2%	11%
TOTAL	209	28	45	1	8	8	12	23	20	6	360
	58%	7,7%	12%	0,3%	2,2%	2,2%	3,3%	6,3%	5,5%	1,6%	100%

Tabela 2: Distribuição das estratégias de complemento verbal em cartas familiares (século XIX-XX)

Em termos dos resultados globais, obtivemos um total de 360 dados. Observa-se grande variedade de estratégias de complemento verbal na segunda pessoa com predomínio geral do clítico *te*, contabilizando 209 ocorrências (58% do total). Tal forma foi a mais produtiva seja na função de objeto direto (89%), seja como indireto/dativo (56%). Vale destacar, também, os índices percentuais relativamente altos de zeros, como segundo recurso predominante no cômputo geral (12% do total). Os índices mais altos do zero ocorrem no complemento dativo (43 dados – 21%), o que não era esperado para o período em questão. Desses resultados globais, foram os complementos preposicionados seguidos de *você* (*de você, em você, com você*) e não os acompanhados da segunda pessoa original *ti* (*de ti, contigo, para ti, em ti*), as formas que prevaleceram como *complementos oblíquos*.

Passemos aos resultados específicos das formas variantes nas três funções controladas (*acusativo, dativo e oblíquo*).

5.1. Acusativo de 2ª pessoa: o clítico *te* com *você, tu* e *você/tu* na posição de sujeito

Na tabela 3, foram correlacionados os resultados dos pronomes de segunda pessoa na função de objeto com o tratamento empregado como sujeito. Na coluna referente ao sujeito, o rótulo *Tu* (*exclusivo*) refere-se às cartas em que o remetente empregou apenas *tu* (nulo ou pleno) como sujeito para se dirigir ao destinatário. Do mesmo modo, a designação *Você* (*exclusivo*) significa que se utilizou somente o tratamento *você* nessa posição. O dito *Tu/você* (*misto*) indica que o escrevente empregava uma ou outra forma numa mesma carta na posição de sujeito:

Formas acusativas de segunda pessoa e o uso do sujeito					
Acusativo \ Sujeito	Te	Você	Ø	Clítico <i>a</i>	Total
Tu (exclusivo)	35/36 97,2%	-	-	1/36 2,8%	36
Você (exclusivo)	03/04 75%	01/04 25%	-	-	4
Tu/você (misto)	55/64 85%	7/64 11%	2/64 3%	-	64
Total	93/104 90%	8/104 7,8%	2/104 1,9	1/104 0,3	104

Tabela 3: Correlação das formas acusativas de 2ª pessoa e o sujeito em cartas dos séculos XIX-XX

Em termos dos totais gerais, foram localizadas quatro estratégias de referência à segunda pessoa na função de objeto: *te*, *você*, \emptyset e o clítico *a*. Como era de se esperar, o clítico original de segunda pessoa *te* mostrou-se majoritário na amostra com 90% do total de ocorrências. É importante ressaltar que a presença de *te* foi mais frequente, como acusativo, independentemente do tratamento empregado na posição de sujeito: *tu* (97,2%), *você* (75%) e *você/tu* (85%). Esses resultados dão indícios de que a *uniformidade de tratamento* já era, em fins do século XIX e início do XX, uma artificialidade da prescrição gramatical e não correspondia à realidade da língua em uso no português brasileiro mesmo nas produções escritas. Brito (2000) e Brito e Cyrino (2001) chegam a conclusões semelhantes no estudo feito sobre o uso dos pronomes de 2ª pessoa na função de objeto em peças teatrais produzidas entre 1833 e 1988. As autoras mostram que os índices do clítico *te* superam as formas alternantes em todos os períodos controlados, desde as primeiras peças em que o tratamento se restringia praticamente ao *tu* até a última fase em que só se empregava *você* nas peças.

Nota-se ainda na análise da tabela 3 a baixa frequência das outras formas acusativas de 2ª pessoa. A forma tônica inovadora *você* aparece timidamente com índices próximos de 8%. As outras duas estratégias são bastante raras no *corpus*: 1,9% de objeto nulo e 0,3% do clítico acusativo *a*.

Embora sejam dados esporádicos, os escassos dados de *você*, do objeto nulo e do clítico *a* podem ser elucidativos. Das oito ocorrências de *você* como objeto direto, uma delas foi identificada numa carta de 1910 em que *você* é o tratamento exclusivo como sujeito. Todos os

exemplos restantes foram localizados no final da década de 1930 em cartas com *mescla de tratamento* escritas por pessoas não-ilustres¹⁷. Nota-se assim um relativo aumento de *você* na documentação mais recente em que a variação *tu/você* se faz notar de maneira incisiva:

- 29 “Hoje esperávamos você aqui”. [Carta 25-AA-13-05-1917]
- 30 “Estimo que esta vá encontrar voce e a Hilda melhores do resfriado, e que estejam todos de boa saúde” [Carta 07-JM-29-09-1936]
- 31 “a minha irman esta esperado voce no dia 18 com o Antoninho e Dalves” [Carta 09-MJ-07-10-1936]

É interessante comentar ainda os casos do apagamento do clítico e da presença do acusativo *a* em referência à segunda pessoa. Diversos estudos têm discutido o desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa no português brasileiro (Duarte 1986, Omena 1978, Cyrino 1996, Hora e Baltor, 2007, entre outros). Os trabalhos que analisam a emergência do objeto nulo em todas as pessoas mostram que os clíticos de 1^a e 2^a pessoas tendem a resistir ao apagamento em relação, por exemplo, à 3^a pessoa que substituiu os acusativos (*o/a*) por formas tônicas ou objeto nulo. O caráter dêitico das legítimas pessoas do discurso (*eu/tu*) e a conseqüente obrigatoriedade do traço [+animado], em oposição ao valor anafórico da 3^a pessoa, pode ser um dos fatores dessa retenção na segunda pessoa. Na amostra de cartas, os dois únicos dados de objeto nulo na 2^a pessoa foram identificados em cartas com *mescla de tratamento*. Em (32) e (33) vê-se o objeto nulo com formas verbais não-finitas:

- 32 “eu vou bem graças a Deus, de saude, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo [\emptyset amar mais].” [Carta 19-JM-16-03-1937]
- 33 “ele não te foi procurar na duvida [*de \emptyset encontrar*]”. [Carta 03-AA-05-10-1909]

Como apresentado na tabela 3, houve um caso único de clítico acusativo *a* associado à segunda pessoa. Curioso observar que o dado em questão foi localizado numa carta em que se empregava apenas *tu* como pronome sujeito, embora o remetente tenha utilizado

¹⁷ Foram seis ocorrências com o verbo *esperar* e duas com *encontrar*.

sistematicamente o clítico *te*, o que reforçou a interpretação de a forma acusativa *a* referir-se à segunda pessoa como se observa em (34). Tal emprego, ao lado de *tu* e não de *você*, em uma carta de pessoa de cultura mediana, como é o caso do Jaime, já dá indícios da instabilidade do sistema tratamental na época e da insegurança dos falantes quanto a sua nova formação.

- 34 “a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pareço *vel-a*, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estás tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração.” [Carta 01-JM-24-09-1936]

Em suma, confirmaram-se as hipóteses iniciais de que o clítico *te* era a estratégia acusativa mais recorrente no início do século XX, principalmente, entre falantes/escreventes que empregavam *tu* e/ou *você* no tratamento ao interlocutor. Esta permanência talvez seja uma maneira de indicar mais claramente a pessoa do discurso, uma vez que a desinência verbal associada a *você* não trazia tal marca. Na perspectiva de Brito (2000), a generalização da próclise no português do Brasil converteu o clítico *te* em afixo segundo Cyrino (1992). Defende a autora que como não há marca de concordância com *você*, o então clítico-afixo *te* assume esse papel no sintagma objeto: “*te*, portanto, reflete a concordância com a pessoa com quem se fala, tratada atualmente por *você*” (Brito 2000: 172). Numa análise pelo viés da gramaticalização, podemos conjecturar como hipótese um processo de *especialização*¹⁸ de *te* como acusativo ao lado de *você* sujeito. A alta frequência da estrutura *te* + *verbo* na função de objeto pode indicar a morfologização do clítico como prefixo. O estreitamento da variedade de escolhas formais também é um indício da gramaticalização do *te* como acusativo que emerge como forma quase *obrigatória* para indicar 2ª pessoa.

5.2. As formas variantes de dativo 2ª pessoa e a emergência de *você*-sujeito:

Nos estudos específicos sobre a alternância de estratégias dativas no português brasileiro, o principal foco das pesquisas é a perda do

¹⁸ No termos de Hopper (1991), o princípio da *especialização* pressupõe que, quando uma forma/construção se gramaticaliza, ocorre um estreitamento da variedade de escolhas formais e um número menor de formas selecionadas assume significados mais gerais. Tal princípio corresponderia à *obligatoriedade* de Lehmann (1985).

clítico dativo de terceira pessoa (*lhe*) –que passa a servir em alguns dialetos à 2ª pessoa– e a sua substituição por sintagmas preposicionados introduzidos basicamente por *para*. Os estudos de cunho variacionista (cf. Gomes 2003: 89) enfatizam principalmente a expansão do emprego da preposição *para* no lugar de *a* no complemento indireto. Como a noção mais elementar das construções dativas é expressar a transferência de algo (material ou não) a alguém (uma terceira pessoa), o enfoque tem sido dado às construções dativas de 3ª pessoa que são mais produtivas que as demais.

Mesmo nesses trabalhos, os autores têm demonstrado o comportamento diferenciado da 1ª e 2ª pessoas que ainda retêm os clíticos. Gomes, (2003: 87) afirma que “só há ocorrência de clíticos para a primeira e segunda pessoas do singular e a ausência de clítico para todas as outras pessoas nas duas amostras” do projeto PEUL-RJ. No caso da segunda pessoa, além da preposição *para* associada a *você*, há formas variantes peculiares: o clítico original de segunda pessoa *te*; o clítico *lhe* que passou atender à segunda pessoa a partir da entrada de *você*; e ainda o dativo nulo.

Como apresentado na tabela anterior, apresentamos aqui as formas alternantes do dativo em referência à segunda pessoa, correlacionando-as ao tratamento empregado na posição de sujeito:

Formas dativas de segunda pessoa e o uso do sujeito							
Dativo Sujeito	Te	Lhe	Ø	A você	Para você	A/ para ti	Total
Tu (exclusivo)	34	1	4	-	1	3	43
	79,1%	2,3%	9,3%	0%	2,3%	7%	20,7%
Você (exclusivo)	15	16	17	6	2	-	56
	26,8%	28,6%	30,4%	10,7%	3,6%	0%	26,9%
Misto (tu/você)	67	6	16	1	6	2	98
	68,4%	6,1%	16,3%	1%	6,1%	2%	47,1%
Senhor(a)	-	5	6	-	-	-	11
	0%	45,5%	54,5%	0%	0%	0%	5,3%
Total	116	28	43	7	9	5	208
	55,8%	13,5%	20,7%	3,4%	4,3%	2,4%	100%

Tabela 4: Correlação das formas dativas de 2ª pessoa e o sujeito em cartas dos séculos XIX-XX

Os resultados indicados na tabela 4 mostram, em termos de distribuição geral, uma variedade expressiva de formas para expressar o dativo. Diferentemente do que se viu no acusativo em que *te* é a estratégia preponderante com 90% de frequência, no caso do dativo, os índices de *te* ficam próximos dos 50%. Os outros recursos para expressar o dativo de 2ª pessoa mostraram-se bastante produtivos, principalmente, o dativo nulo com 20% e o *lhe* com quase 14%. Os sintagmas preposicionados apresentaram índices bastante baixos, principalmente, com *ti*. Interessante destacar que nessas cartas oitocentistas e novecentistas a preposição *para* já supera a preposição *a* seguida por *você*: 4,3% e 3,4% respectivamente.

Analisando a questão da correlação entre a expressão do dativo e o tratamento empregado ao interlocutor, alguns aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, o clítico dativo *te* é majoritário nas cartas em que o tratamento *tu* é exclusivo na posição de sujeito (quase 80%). Nas cartas em que se emprega apenas *você* para se dirigir ao destinatário, percebe-se um equilíbrio entre as estratégias para expressar o dativo. Nesse caso, o dativo nulo é o mais frequente com 30%, as outras estratégias apresentam valores bastante semelhantes: *te* com 27% e *lhe* com 29% de uso aproximadamente. É também nessas cartas que foi localizada a maior parte dos dados de *a você* (seis dos sete casos identificados). Cabe ainda ressaltar que nas cartas denominadas mistas (*você/tu*), o clítico *te* predomina ao lado do dativo zero: 68% e 16% respectivamente. Aparentemente o aumento do *você* na posição de sujeito parece ter favorecido o emprego maior do zero na função dativa. Em cartas mistas o dativo zero também é preponderante como a segunda estratégia mais produtiva¹⁹. Nas cartas em que o tratamento é *senhor*, houve apenas o emprego de *lhe* e *zero* na função dativa. No gráfico a seguir será possível observar a cronologia da distribuição das construções de dativo nas cartas confirmando essas observações:

¹⁹ A maior parte dos dados de zero ocorreu com verbos de transferência material como *mandar* e *pedir*, como vemos com os exemplos (35) e (37).

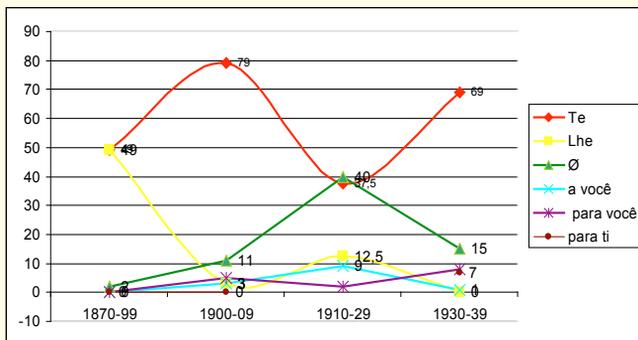


Gráfico 2: Distribuição das variantes de dativo de 2ª pessoa em cartas pessoais dos séculos XIX-XX

O gráfico 2 dá um panorama geral ao longo do período controlado, permitindo a comparação com a distribuição das formas de sujeito *tu/você* vista no gráfico 1.

Nas últimas décadas do século XIX (1870-1899), nota-se certo equilíbrio entre os clíticos *te* e *lhe* com índices percentuais próximos de 50%. A partir da primeira década do século XX, há uma acentuada diminuição de *lhe* que se mantém com índices bem baixos nas décadas subsequentes. O dativo *te* passa a concorrer, a partir dos anos 1910-20, com as outras estratégias dativas, principalmente, com o zero que apresenta um acréscimo significativo nesse período (37,5 % para zero e 40% para *te*). Faz-se necessário ressaltar que, como observado no gráfico 1, é justamente neste momento que *você* aumenta sua frequência de uso como sujeito. Na última fase controlada (1930-39), em que predominam as cartas com tratamento misto, o clítico *te* se estabelece como o recurso mais produtivo e há um ligeiro aumento de *para você* (de 2% para 8%). As estratégias mais canônicas e mais antigas estão em forte declínio: *lhe* e *a você* com índices próximos de zero. De (35) a (37), apresentamos, respectivamente, um exemplo de *lhe* na documentação mais antiga (1870), uma ocorrência de *a você* em uma carta da década de 1910 e um caso de *para você* nos anos 30:

35 “*Peço-lhe* que me recomende às Primas Joanninha e receba saudades de Sua prima affectuosamente e obrigadamente Anna Espinola” [Carta 03-CA-14-11-1874]

36 “O dicionário serviu bem e mamãe mandou pelo Tito agradecer a você, bem como tudo que mandou-lhe.” [Carta 26-AA-08-06-1917]

37 “Aguardando a tua segunda carta, remeto lembranças aos teus, se a Hilda estiver cheia de beijos da-lhe um abraço por mim, e para voce minha querida o que devo mandar?” [Carta 04-JM-25-09-1936]

Em síntese, na correlação entre a implementação do sujeito *você* nessas cartas e as estratégias dativas de segunda pessoa (cf. gráficos 1 e 2), percebemos que, nas cartas em que *tu* ocorria como único tratamento na posição de sujeito, houve a supremacia do dativo *te*. Quando o predomínio de *você-sujeito* começa a se fixar nas décadas de 1910-20, ocorreu um equilíbrio entre as formas variantes de dativo com destaque para o zero. Nas cartas mistas (*você/tu*), o dativo *te* e o zero são as estratégias preferidas.

5.3. Complemento preposicionado oblíquo: predomínio de *você* sobre *ti*

Para concluir, cabe uma breve descrição dos complementos preposicionados, denominados aqui de *oblíquos*, considerados pela tradição gramatical como complementos relativos, complementos circunstanciais e adjuntos (Rocha Lima 1972, Bechara 1999). Na tabela a seguir, relacionamos o complemento preposicionado oblíquo ao tratamento empregado na posição de sujeito:

Formas oblíquas de segunda pessoa e o uso do sujeito						
Oblíquo Sujeito	A VOCÊ	PARA VOCÊ	PREP+ VOCÊ	PREP+ TI	CONTIGO	TOTAL
Tu (exclusivo)			1/9 11%	7/9 78%	1/9 11%	9
Você (exclusivo)		2/3 67%	1/3 33%			3
Tu/você (misto)	1/36 3%	1/36 3%	21/36 57%	8/36 22%	5/36 14%	36
	1	3	23	15	6	48
TOTAL	2%	6,1%	47%	31%	12,2%	

Tabela 5: Correlação das formas oblíquas de 2ª pessoa e o sujeito em cartas dos séculos XIX-XX

Em termos dos resultados globais, diferentemente do observado nos *acusativos* e *dativos* de 2ª pessoa, as estratégias que prevaleceram foram aquelas em que o pronome tônico *você* se faz presente

no sintagma preposicionado (47%), principalmente nas cartas com mescla de tratamento. Nessas cartas, identificou-se a presença de todas as estratégias controladas. As preposições *para* e *a* produtivas no dativo, não são as que prevalecem no complemento preposicionado oblíquo. Quando o tratamento é *tu* na posição de sujeito, predominou, nas cartas, o uso de *preposição + ti* (*em ti, de ti*) com 78%. Nas cartas em que *você* é o sujeito majoritário, o SPrep (*para você*) mostrou-se, por sua vez, o recurso mais frequente.

38 “e eu então pensava só *em voce* o quanto tens sofrido por minha causa somente por amar-me. [Carta 05-JM-26-09-1936]

39 “elle não póde ir viver a custa *de você*”. [07-AA-11-07-1911]

40 “Mais do que nenhuma outra affectada pela dupla crise financeira e economica em que debate o Paiz e cujas consequencias a ninguem é dado predizer com segurança, a Praça do Rio está em más, em pessimas condições, o que, alias, não deve constituir novidade *para você*” [Carta 20-AA-28-09-1915]

41 “Segue amanhã pelo Chico l uma cestinha com óvos, são *para voce*? [Carta 29-AA-22-07-1917]

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais indicam que, em fins do século XIX e início do XX, o pronome *tu* era mais produtivo na posição de sujeito, ocorrendo preferencialmente nulo, ao passo que *você* apresentava índices mais altos como sujeito pleno. Tal comportamento parece se alterar a partir das décadas de 20-30 quando os dados de *tu* pleno começam a salpicar numa carta ou outra. Nessa fase há um aumento do uso de *você* nos contextos funcionais de *tu*.

Os dados confirmam que a entrada de *você* no português brasileiro não se dá da mesma forma em todas as posições sintáticas. Na correlação entre sujeito e complemento, observaram-se alguns aspectos importantes nas cartas:

- A forma clítica *te* é a mais produtiva nos casos acusativo e dativo nos períodos controlados, mas perde espaço para as outras estratégias dativas, em particular o zero, entre 1910-20, quando *você* na posição de sujeito aumenta seus índices de frequência;

- O complemento *lhe* mostrou-se mais frequente nas cartas mais antigas de 1870.
- Os dados de dativo-zero apresentam índices consideráveis em cartas com “mescla de tratamento” e quando há o aumento de frequência de você como sujeito;
- O complemento *a você* perde espaço para a estratégia mais inovadora *para você* na década de 1930.

Esses padrões quantitativos podem ser considerados como indícios de como a mudança se implementa, seguindo a noção de encaixamento de Weinreich, Labov e Herzog (1968). O período de tempo analisado parece indicar que estamos diante de três sub-sistemas que envolvem as consequências da variação *tu/você* na posição de sujeito. No primeiro subsistema, que apresenta a supremacia de *tu*, a forma de acusativo e dativo mais frequente é o clítico *te*; no segundo subsistema, em que havia mistura de tratamento entre *tu* e *você*, surge uma forma de dativo que tanto pode estar relacionada a *tu* como a *você*, a variante nula; no terceiro subsistema, em que prevalece o uso de *você*, a forma *te* passa a ser a forma preferida para o dativo.

Num primeiro momento, podemos até considerar que o terceiro subsistema, que já aparece na primeira metade do século XX, é um sistema misto: sujeito *você*; complementos acusativo e dativo *te*. Entretanto, se analisarmos do ponto de vista dos traços semânticos e formais envolvidos no processo de gramaticalização de *você* como forma pronominal, podemos dizer que não se trata de um sistema misto: *você*, apesar de não apresentar traços formais, apresenta os traços semânticos de segunda pessoa; os mesmos traços semânticos que *te* apresenta. Por isso, uma combinação *você* (sujeito) com *te* (complemento) não pode ser analisada como mistura de tratamento, pois estamos lidando com os mesmos traços semânticos.

Assim sendo, o próximo passo da pesquisa está relacionado a uma análise das consequências do processo de gramaticalização em termos dos traços semântico-pragmáticos e formais envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, Luís I. C. 2003. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Inédita.

- Andrade, Adriana Lília Soares de. 2004. *A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal. Inédita.
- Bechara, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna.
- Berlinck, Rosane. 1996. The Portuguese dative. Em Belle, W & Langendonk, W. (org.) *The dative: descriptive studies*, vol. I Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Bezerra, M. A. Uso de *tu/você* em interações infantis. *Letras*, PUCCAMP, Campinas, v. 1, n. 13: 96-118, dez. 1994.
- Brito, Onilda Regina Marchioni de. 2001. “*Faça o mundo te ouvir*”. *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*, Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Inédita.
- Brito, Onilda R. M. de. 1999. A variedade do uso dos pronomes de 2ª pessoa em função de objeto no falar rural do Estado do Paraná. Em XIII CELLIP – Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, Campo Mourão. CD-ROM.
- Brito, Onilda R.M. e Sonia Maria Lazzarini Cyrino. 2001. A perda (de TU/TE) e a aquisição (de VOCÊ/TE). Comunicação apresentada no: XXIX GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Assis.
- Calmon, Elba Nusa. 2010. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Inédita.
- Coelho, Maria do Socorro Vieira. 1999. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Cyrino, Sonia Maria L. 1997. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL.
- Cyrino, Sonia Maria Lazzarini. 1992. Observações sobre a aquisição de clíticos no português do Brasil. ms.
- Dias, Edilene Patrícia. 2007. *O uso do tu no português brasileiro falado*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal. Inédita.
- Duarte, Inês. 2003. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. Em Maria Helena Mira Mateus *et al.* 2003. *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed, Lisboa, Caminho: 275-320.
- Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. 1986. *Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*, Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. Em I. Roberts e M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP: 107-128.
- Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. 1995. *A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro*, Tese de Doutorado, UNICAMP/IEL, Campinas. Inédita.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. Em M. da. C. Paiva e M. E. L. Duarte (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, FAPERJ: 115-128.

- Ferro, Jeferson e Liziane de Christan. 1996. A variação no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa na cidade de Curitiba, *Fragmenta*, 13: 83-88.
- Fontanella de Weinberg, Maria Beatriz. 1977. La constitución del paradigma pronominal del voseo, *Thesaurus* XXII, 2.
- Figueiredo, Luanda Almeida. 2005. Tu e você no português afro-brasileiro. Comunicação apresentada no VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador.
- Figueiredo, Luanda Almeida. 2007. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. Comunicação apresentada no VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador.
- Freire, Gilson C. 2000. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Gomes, Christina Abreu. 2003. Variação e Mudança na Expressão do dativo no português brasileiro. Em M. da C. Paiva e M. E. L. Duarte. (org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa: 81-96.
- Gonçalves, Clézio Roberto. 2008. *Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Herênio, Kerly Karine Pereira. 2006. *“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-lingüística*, Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Inédita.
- Hopper, Paul John. 1991. On some principles of grammaticalization. Em E. C. Traugott e B. Heine (eds.). *Approaches to grammaticalization*, Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company: 17-35.
- Hora, Dermeval e Cristiane Baltor. 2007. Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar peense. Em A. Castilho et al (orgs.) *Descrição, história e aquisição*. São Paulo, Pontes: 49-60.
- Koch, Peter. 2008. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. Em: J. Kabatek (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid/Frankfurt, Iberoamericana/Vervuert (Lingüística Iberoamericana 31): 53-88.
- Labov, William. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- Lapesa, Rafael. [1970] 2000. *Estudios de Morfosintaxis histórica del español*, Tomos I e II, Madrid, Gredos.
- Leão, P. B.; C. V. Altenhofen e M. Klassmann. 2003. Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil. Disponível em <file:///O/!Homepage/livro2/artigo_paula.htm (1 of 8) [18/11/2003 10:29:48]>.
- Lehmann, Christian. 1995. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change, *Lingua e Stile*. a. XX, 3: 303-318.
- Lopes, Célia Regina dos Santos; Leonardo Lennertz Marcotulio, Aline dos Santos Silva, Viviane Maia dos Santos. 2009. Quem está do outro lado do túnel? *Tu ou você na cena urbana carioca. Processos urbanos I: variação linguística em megálopoles latino-americanas, Neue Romania*, 39: 49-66.

- Lopes Célia Regina dos Santos *et al.* 2009. Sobre Norma e Tratamento em cartas a Rui Barbosa. Em V. Aguilera. (org.). *Para a História do Português Brasileiro* Vol. VII, Vozes/Veredas/Voragens. 1 ed. Londrina, Edel, 7: 45-92.
- Lopes Célia Regina dos Santos. 2008. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. Em C. Roncarati e J. Abraçado, (org.). *Português Brasileiro II - contato linguístico, heterogeneidade e história*, Niterói, EDUFF, Volume 2: 55-71.
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Ana Carolina Morito Machado. 2005. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. Em C. R. Lopes (org.). *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*, Rio de Janeiro, UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ: 45-66.
- Loregian-Penkall, Loremi. 2004. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Inédita.
- Lucchesi, Dante e Elisangela Mendes. A flexão de caso dos pronomes pessoais. Em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro. 2009. *O Português Afro-Brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 471-488.
- Lucca, Nívia Naves Garcia. 2005. *A variação tu/você na fala brasiliense*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal. Inédita.
- Machado, Ana Carolina Morito. 2006. *A implementação de "Você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Martins, Germano Ferreira. 2010. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Distrito Federal. Inédita.
- Modesto, Artaxerxes Tiago Tácito. 2006. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu / você na cidade de Santos – SP*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Morais, Maria Aparecida Torres. 2006. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu, *Revista da ABRALIN*, 5, 1 e 2: 65-93
- Mota, Maria Alice. 2008. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Paredes Silva, Vera Lúcia. 2003. O retorno do pronome tu à fala carioca. Em C. Roncarati e J. Abraçado, *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*, Rio de Janeiro, FAPERJ/7Letras:160-169.
- Peres, Ponzó Edenize. 2006. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte – um estudo em tempo aparente e em tempo real real*, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inédita.
- Ramos, Conceição de M. A. 1998. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo do português brasileiro/espanhol peninsular*, Tese de doutorado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Inédito.
- Ramos, Jânia. 1997. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. Em D. da Hora (org.), *Diversidade Linguística no Brasil*, João Pessoa, Idéia: 43-60.

- Ramos, Myriam Pereira Botelho. 1989. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Inédita.
- Rocha Lima, Carlos Henrique da. [1972] 2002. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito. 2008. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Scherre, Maria Marta Pereira; Nívia Naves Garcia Lucca, Edilene Patrícia Andrade Dias, Carolina Queiroz e Germano Ferreira Martins. 2009. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora.
- Sette, Neide Durães. 1980. *Formas de tratamento no português coloquial*, Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Inédito.
- Soares, Izabel Cristina R. e Maria da Graça Ferreira Leal. 1993. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. *Moara*, 1: 27-64.
- Soares, Maria Elias. 1980. *As formas de tratamento nas interações comunicativas – uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Fortaleza. Inédito.
- Soto, Eva Ucy Miranda Sá. 2001. *Varição/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*, Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara. Inédito.
- Soto, Eva Ucy Miranda Sá 2007. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*, Niterói, EDUFF.
- Weinreich, Uriel; William Labov e Marvin I. Herzog, [1968] 2006. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola.